

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DESAFIOS E COMPROMISSOS DE UMA EXPERIÊNCIA CRÍTICA E DEMOCRÁTICA

MARÍLIA FREIRE

Universidade Nove de Julho (UNINOVE/SP)
Rede Estadual Paulista, São José dos Campos/SP

Resumo | O objetivo deste estudo foi descrever uma proposta desenvolvida em uma 8ª série (9º ano) do ensino fundamental de uma escola pública da Rede Estadual Paulista e oferecer indicações de como trabalhar o jogo como prática social e política. O relato de experiência evidenciou dois pontos de partida da prática pedagógica: 1) a adoção dos saberes curriculares; 2) a adoção dos saberes dos alunos. Foi possível concluir que valorizar os saberes dos alunos e compreender em que nível eles se encontram, buscando reelaborá-los e ressignificá-los é o ponto de partida para uma prática pedagógica que se propõe crítica e transformadora.

Palavras-chave | Educação Física escolar; Prática pedagógica; Transformação social.

INTRODUÇÃO

Na década de 1980 e no início da década de 1990 a utilização da Educação Física a serviço dos interesses políticos e econômicos passa a ser questionada pela produção científica da área. Ou seja, o papel que a Educação Física vinha desempenhando na escola conformava sua prática pedagógica aos interesses da classe dominante, sobretudo, no que concerne à hegemonia do esporte, que era quase uma expressão única na escola. Segundo destaca Castellani Filho (1994), historicamente a Educação Física assumiu (e tem assumido) códigos e interesses sociais das instituições médica, militar e desportiva, perdendo seu potencial crítico, excluindo

a possibilidade de transformação social. E, apesar de a Educação Física ser considerada oficialmente como componente curricular obrigatório da Educação Básica, integrada a proposta pedagógica da escola, o seu desenvolvimento dentro do contexto escolar ainda continua desvalorizado, sendo caracterizada como “atividade”.

No entanto, análises como as de Caparroz (2007) e as de Tabora de Oliveira (2001; 2004) mostram que a produção científica da área na década de 1980 e no início da década de 1990 deixou de considerar a prática pedagógica da Educação Física efetivada dentro do cotidiano escolar, no sentido de não ter analisado as intervenções concretas e efetivas no cotidiano das escolas. Estudos, por exemplo, de Rosário e Darido (2005), denunciam a influência que o currículo tradicional exerce sobre a prática pedagógica dos professores de Educação Física. No entanto, existem muitas experiências inovadoras sendo desenvolvidas no “chão da escola” (BRACHT, 2010). Este relato de experiência espera contribuir para um fazer pedagógico que não se restringe exclusivamente ao “saber fazer”, mas preocupada com o “porquê se faz”. Tal proposta foi fundamentada pelos princípios freireanos.

PRINCÍPIOS DA PERSPECTIVA FREIREANA

Compreender a Educação Física escolar segundo o pensamento freireano é entendê-la como uma prática social e política em busca da transformação social. Trata-se de uma concepção de educação que reconhece o indivíduo como ativo no processo ensino-aprendizagem, como sujeito que se relaciona com a sociedade dialeticamente e, ao mesmo tempo, age sobre o mundo, transformando-o e apropriando-se da realidade social, sendo por ela transformado. A perspectiva freireana considera e valoriza os saberes dos alunos como ponto de partida para a prática educativa (FREIRE, 2009c); além de possuir o diálogo (FREIRE, 2009b) e a educação problematizadora como elementos fundantes para um pensar crítico sobre os elementos da cultura.

Em síntese a perspectiva freireana procura problematizar com os alunos os conteúdos que compõem a prática educativa, com a finalidade

de estabelecer uma *conscientização* crítica sobre a realidade circundante. A *problematização* dos conteúdos permite desmascarar os determinantes sociais, políticos, econômicos e ideológicos¹ que os configuram, tendo a possibilidade de criar alternativas para reverter os problemas advindos, por exemplo, das características discriminatórias, excludentes e individualistas relacionadas ao esporte institucionalizado e do tratamento dado às questões de gênero.

No âmbito da cultura corporal, isso significa que problematizar os temas jogo, esporte, dança, luta, capoeira, circo, dentre outros é reconhecer o movimento de tese, antítese e síntese. Reconhecer esse movimento é uma forma de trabalhar com a conscientização, no sentido de que os alunos tenham consciência das razões de ser como eles são, de que a história pode ser recriada, que há possibilidade de mudança.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A proposta foi desenvolvida com 40 alunos de uma 8ª série² do ensino fundamental de uma escola da rede estadual paulista, localizada em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Teve início em meados do mês de abril, pois no primeiro bimestre as aulas de Educação Física foram ministradas por outros três professores, conforme processo de atribuição de aulas no início do ano letivo.

A proposta foi desenvolvida pela própria professora/pesquisadora, que tem como objeto de estudo sua própria prática pedagógica, motivo de seus questionamentos e pesquisas. Segundo Freire (2009a), ensino e pesquisa não podem ser vistos de forma excludentes, um está imbricado no outro, ao mesmo tempo em que o professor ensina, ele busca, indaga, constata, intervém e se educa.

Na investigação, foi utilizado o diário de campo, anotações e registros efetuados no caderno do professora/pesquisadora referente às

-
1. Levar o aluno a refletir sobre a função social da Educação Física na escola a partir da compreensão das práticas corporais e sua relação com a realidade.
 2. A escola onde a pesquisa foi realizada está em processo de adequação à legislação que estabelece o ensino fundamental de 9 anos. Portanto, a 8ª série corresponde ao 9º ano.

justificativas dos alunos quanto à não participação e aos temas que eles haviam estudado nos anos anteriores. Além disso, os registros dos conteúdos foram feitos com o objetivo de mapear os saberes que os alunos tinham sobre as modalidades selecionadas e a avaliar as aulas, constando o que deu certo e o que precisava ser melhorado.

DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA: ENTRE OS SABERES CURRICULARES TRADICIONAIS E OS SABERES DOS ALUNOS

A experiência constou de dois momentos distintos, porém complementares, no que se refere ao ponto de partida da prática pedagógica. São eles: 1) Adoção dos saberes curriculares tradicionais; 2) Adoção dos saberes dos alunos.

O primeiro momento compreendeu o desenvolvimento dos conteúdos estabelecidos no Caderno do Professor, no segundo bimestre de 2012. A rede estadual paulista tem uma proposta curricular, sistematizada em “Cadernos”, com sugestões de conteúdos definidas pela Secretaria de Educação (SEE/SP) para serem trabalhadas em cada bimestre. Os conteúdos, no entanto, foram reelaborados a partir da configuração proposta no Caderno. Assim, havia uma tentativa de ressignificação dessa proposta, diante da própria história de vida pessoal e profissional-acadêmica do professora/pesquisadora. Este primeiro momento contou com um total de 20 horas aulas, sendo 2 horas aulas ministradas por semana, num total de 10 semanas, entre os meses de abril e julho.

Diante dos problemas enfrentados no primeiro momento, resolveu-se refletir e rever a prática pedagógica. Assim, o segundo momento compreendeu a adoção dos saberes dos alunos e foi desenvolvido no terceiro bimestre de 2012, em que se procurou respeitar e considerar a experiência sociocultural dos alunos na escolha do conteúdo a ser estudado. Todavia, é importante destacar que respeitar os saberes dos alunos não significa deixar que os alunos jogassem a vontade, ou que a aula fosse livre, ou ainda que, a “bola fosse rolar”.³ Esse segundo momento contou com um

3. Segundo Almeida et. al. (2010) *professor rola-bola* é uma expressão pejorativa utilizada para caracterizar o professor que não tem sua aula planejada e não desenvolve

total de 20 horas aulas, sendo 2 horas aulas ministradas por semana, num total de 10 semanas, entre os meses de agosto e outubro.

O PRIMEIRO MOMENTO: ADOÇÃO DOS SABERES CURRICULARES

Realizou-se um levantamento junto aos alunos dos trabalhos que haviam sido desenvolvidos no ano anterior e no primeiro bimestre. Os alunos alegaram que nas aulas de Educação Física eles jogavam “ping-pong”, voleibol, futebol e outros, ainda, não faziam nada, ficavam sentados na arquibancada conversando. Quanto ao desenvolvimento dos conteúdos propostos no Caderno do Aluno, os alunos relataram três situações: uma em que os professores abordavam alguns conteúdos na sala de aula, outra em que os professores não faziam uso do caderno e, por fim, uma terceira em que o conteúdo do caderno era exposto sem nenhuma relação com as aulas realizadas na quadra.

No primeiro dia de aula, foi apresentada aos alunos a estratégia de trabalho e a Proposta Curricular do estado de São Paulo. Em seguida, realizou-se a formação dos grupos para o desenvolvimento dos trabalhos. Cada grupo deveria ser composto por meninos e meninas, totalizando, no máximo, cinco alunos.

O objetivo do bimestre era criar e vivenciar um jogo com elementos dos conteúdos propostos no Caderno do Professor, que eram o futebol e o *street dance*.

A sistematização do trabalho seguiu quatro momentos distintos: 1) elaboração do jogo; 2) apresentação do jogo criado; 3) execução do jogo mais votado; 4) avaliação.

A elaboração do jogo deveria ser por escrito, contendo o nome, os objetivos, o desenvolvimento e as regras do jogo. Após a elaboração, cada grupo apresentou o jogo criado por eles ao restante da turma. Em seguida, os alunos votaram no jogo preferido e executaram o jogo mais votado.

uma prática pedagógica sistematizada e intencionada. Deixa seus alunos livres para fazerem o que quiserem.

Durante a execução do jogo, os alunos realizaram a avaliação, momento em que um grupo observava o outro jogar e expunha sugestões e alterações, de forma a apontar o que foi bom e o que precisava ser melhorado.

No entanto, durante o desenvolvimento da proposta, algumas dificuldades foram encontradas. Os alunos relataram que “a gente só fica dentro da sala”; “nós não descemos, não vamos pra quadra”, “só tem aula teórica”. Essas falas permitiram levantar alguns questionamentos: o fato dos alunos mencionarem que as aulas de Educação Física se restringem à vivência prática corporal realizada especificamente na quadra é uma significação social constituída historicamente, o que dificulta o entendimento da Educação Física como um componente curricular que requer momentos de discussão, de explicação sobre os fundamentos, pesquisas e análises relacionadas aos temas abordados, dentre outros aspectos importantes para uma conscientização crítica. Essa tradição da Educação Física é culturalmente constituída e socialmente legitimada, fundamentada em uma dada representação social sobre a área e que ainda não foi completamente superada. Outra dificuldade encontrada foi o descontentamento, principalmente dos meninos, por não jogarem futebol, sendo relatado por eles que as aulas de Educação Física são o único momento na escola em que eles podem se “desestressar”. Esse fato pode ser associado à interpretação da Educação Física como mera “atividade”, significação social de que as aulas de Educação Física são basicamente organizadas em função de vivências corporais e desenvolvidas exclusivamente na quadra. (CASTELLANI FILHO, 1994)

O SEGUNDO MOMENTO: ADOÇÃO DOS SABERES DOS ALUNOS

No terceiro bimestre, inicialmente, foi explicada a função social da Educação Física na escola e que naquele momento eles poderiam escolher o tema a ser estudado.

A escolha do conteúdo daquele bimestre se deu por meio de um processo democrático. Cada aluno votou no conteúdo que gostaria de estudar. O futebol foi o mais votado. Já como segunda opção, apareceu o voleibol, com quatro votos, seguido da queimada e do handebol, com um voto cada.

Após essa etapa, procedeu-se o levantamento do que cada um sabia sobre o futebol e do que seria necessário para realização do jogo. Diante do levantamento, foi proposto que eles se organizassem e jogassem da maneira como estavam acostumados a jogar. Esse primeiro momento foi denominado de “Vivência”.

Alguns alunos não participaram e foi solicitado a eles que justificassem a não participação, por escrito e individualmente, numa folha. Além disso, foi estabelecido que enquanto dois grupos jogavam, outros dois grupos avaliariam o que estava dando certo e o que precisava ser melhorado.

O registro dos alunos que não participaram da aula ou que avaliaram o jogo evidenciou as questões de gênero presentes nas aulas de Educação Física. A maioria dos alunos que não queria participar do jogo de futebol era do sexo feminino e seus depoimentos expressam frases como: “os meninos ‘cavalam’”; “eu não sei jogar”; “futebol é muito violento”; “os meninos chutam muito forte”; “eu tentei, mas ninguém me passa a bola. Eu estou com medo!”; “eu não quero ficar no gol”; “futebol não é jogo de mulheres”; “eu não escolhi futebol”. Esse segundo momento foi denominado de “Avaliação”.

Paralelamente aos momentos de “Vivência” e de “Avaliação” dos jogos, foi solicitado aos alunos que realizassem, em grupo, um trabalho sobre a história do futebol. A finalidade desse trabalho era levar os alunos a refletir sobre as regras do jogo, sobre o porquê elas são como são, sobre seu processo histórico de construção. O trabalho seguiu alguns questionamentos: Onde o futebol surgiu? Como? Quais suas regras? Vestimentas? Como se realiza? Com quais condições? Com quais materiais? Com quais procedimentos técnicos? Qual foi o primeiro lugar em que ele surgiu na comunidade? Com qual objetivo? Quem desenvolveu? Onde? Quando? Para qual público costuma ser direcionado? Com quais interesses?

A partir dessa problematização, os alunos puderam entender a relação do jogo selecionado com a realidade social concreta. Essa reflexão, de alguma forma, revelou os interesses que estão por trás da modalidade escolhida como tema para estudo. Conscientizar-se desses determinantes é reconhecer-se como sujeito ativo na história, é acreditar que o jogo de

futebol pode valorizar a participação ativa de todos. Este terceiro momento foi denominado de “Ressignificação”.

Outra estratégia que contribuiu para esse momento de resignificação foi a análise do filme “Driblando o destino/Bend it like Beckham”. Trata-se da história de uma menina indiana que gostava de jogar futebol, mas que encontra dificuldades devido à cultura indiana que evidencia que “Garotas indianas não jogam futebol”; elas nascem e são educadas para casar e ter filhos. Além disso, o filme destaca que não é só um problema enfrentado por “garotas indianas”, mas por toda mulher, pois “mulher deve-se comportar como uma mulher!” e jogar futebol não faz parte desta significação.

Antes mesmo do término do terceiro bimestre, começamos a organização do “Interclasses”, que seria realizado durante o quarto bimestre. Era um evento realizado todo final de ano, mas especificamente naquele ano a proposta foi diferente. Foi proposto aos alunos um “Interclasses Misto”, em que foram estabelecidos alguns critérios: 1) Participação de todos os alunos; 2) Equipes mistas com números proporcionais de meninas e meninos; 3) A nota do 4º bimestre seria a participação no evento; 4) As regras seriam criadas, construídas e reelaboradas por uma equipe de alunos, sendo composta por dois alunos de cada série, uma menina e um menino respectivamente; 5) Os jogos seriam de: Futebol, Voleibol, Handebol e Queimada.

No que se refere aos jogos de futebol misto, a equipe de coordenação de regras decidiu que os jogos seriam realizados com as seguintes regras: a marcação do gol seria feita jogando a bola aérea para o goleiro do mesmo time, que deveria segurar a bola sem deixá-la cair no chão, marcando dessa forma o gol para sua própria equipe; durante o jogo a bola deveria ser passada alternadamente, de menino para menina e de menina para menino, sucessivamente. Naquele ano, pelo menos três meninas de cada turma jogou futebol na escola, assim como houve a participação dos menos habilidosos. O momento do evento foi denominado de “Reelaboração”.

Ao final do evento algumas meninas solicitaram à professora/pesquisadora que as ensinassem a jogar futebol, de modo que não ficassem

todas correndo atrás da bola. Elas queriam aprender a técnica e a tática do futebol.

No que se refere à avaliação do quarto bimestre, foi solicitado aos alunos que eles apontassem o porquê das regras serem construídas e reelaboradas pelos alunos; o objetivo do futebol ser composto por meninas e meninos; o motivo pelo qual os jogos do evento Interclasses misto não requeria seguir as regras tais como são nos campeonatos oficiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência teve como objetivo implementar uma proposta de Educação Física escolar, cujo tema foi o futebol, de forma a tematizá-lo, problematizá-lo e conscientizar os alunos sobre seus determinantes sociais, econômicos, políticos e ideológicos que o constituem como tal. Assim, buscou-se, num primeiro momento, partir dos saberes curriculares tradicionais e diante das dificuldades encontradas a prática pedagógica foi reelaborada e tomou como ponto de partida a experiência sociocultural dos alunos no processo educativo. A adoção dos saberes dos alunos contribuiu para a participação em experiências motivadoras de decisão, para um espaço de discussão e argumentação, para a assunção nas ações e, em particular, para a possibilidade do professor/pesquisador rever sua prática pedagógica. No entanto, essa proposta não é suficiente para uma Educação Física transformadora.

Trata-se de um projeto de vida e sociedade, cuja possibilidade só será possível se nas aulas de Educação Física escolar o professor estiver disposto em realizar essa difícil tarefa, em que haja a superação do simples “fazer por fazer”, da prática neutra/espontaneísta/passiva, e, prioritariamente, que o jogo de futebol como conteúdo curricular constituído social e historicamente seja desenvolvido a partir do desvelamento de algumas das características que configuram o esporte institucionalizado como tal.

Nesse sentido, a perspectiva freireana traz importantes contribuições para uma intervenção pedagógica crítica e democrática, compromissada e que sustenta um projeto transformador e humanizador de sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA et. al. As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 129-147, abril/junho de 2010.

BRACHT, Valter. A Educação Física brasileira e a crise da década de 1980: entre a solidez e a liquidez. In: MEDINA, Paulo Subirá. **A educação Física cuida do corpo... e “mente”**: novas contradições e desafios do século XXI. Campinas: Papirus, 2010. p. 99-116.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas, Papirus, 1994.

CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola**: a Educação Física como componente curricular. Campinas: Autores Associados, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009c.

ROSÁRIO, Luís Fernando Rocha; DARIDO, Suraya Cristina. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 3, p. 167-178, set./dez. 2005.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. **A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba**: entre a adesão e a resistência. 2001. 399 f. Tese (Doutorado em Educação: História e Filosofia da Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 9-20, jan. 2004.

Recebido: 12 abril 2013
Aprovado: 16 setembro 2013
Endereço para correspondência:
Marília Freire
Rua José Ivair de Souza, 71, apto 83
Jardim Estoril
São José dos Campos – SP
CEP: 12232-060
mariliafr@terra.com.br